

MOARA

**“NUNCA VI NINGUÉM MORRER DE ESTUDAR”<sup>1</sup>  
UMA ANÁLISE DAS DIMENSÕES SEMÂNTICA E  
DE USO DA CONSTRUÇÃO X MORRER DE Y**

**Thais Fernandes SAMPAIO**  
**Neusa Salim MIRANDA**  
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa acerca do uso metafórico do léxico da MORTE no Português do Brasil. Analisamos aqui a construção mais freqüente nos dados analisados, cuja estrutura pode ser representada pelo esquema X MORRER DE Y. Segundo nossa hipótese analítica, tais construções definem um domínio semântico de gradação de intensidade na extremidade da escala e estão relacionadas a uma ampla rede de conceptualização das emoções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico da morte; Construção; Metáfora.

**ABSTRACT:** This paper presents partial results of a study about the metaphorical use of the lexicon of MORTE/DEATH in Brazilian Portuguese. Here we analyzed the construction more frequent in the data gathered through research on the Internet (Editora Abril's website), which structure can be represented by the scheme X DIE OF Y. According to our analytical hypothesis, such constructions are part of a semantic domain that expresses INTENSITY at the highest end of the scale and are related to a wide network of conceptualization of emotions.

**KEYWORDS:** Lexicon of Morte/Death; construction; metaphor.

## 1 INTRODUÇÃO

Dizem que não é bom falar de Morte e, de modo geral, evitamos o tema. Contudo, voltando um olhar mais atento para

<sup>1</sup> A frase que compõem o título deste artigo é um dado real de uso, encontrado, através do *Google*, no seguinte endereço: <http://barrosdelimaster.wordpress.com/2010/04/30/educacao-2>.

nossa linguagem cotidiana, percebemos que o léxico da morte é sistematicamente recrutado nos mais diversos contextos de uso linguístico. É comum ouvirmos expressões do tipo *meu carro morreu*, *nosso amor morreu* ou *este assunto está morto e enterrado*. Também fazem parte de nossas conversas expressões como *cemitério de carros*, *cidade morta*, *enterrar a carreira*, *silêncio fúnebre*, *cara de enterro*, *morrer na praia* ou *morrer pela boca*, entre outras.

De fato, tais exemplos sugerem que, no Português do Brasil (PB), é bastante comum o uso do léxico da Morte como manifestação de projeções metafóricas que envolvem a Morte como domínio-fonte na expansão conceptual de outros domínios-alvo. Em pesquisa realizada (SAMPAIO, 2007) constatamos que, nesse uso metafórico do léxico da morte, uma construção que se destaca por sua frequência e produtividade é aquela em que o verbo **morrer** aparece seguido da preposição **de** e de um sintagma nominal (SN) ou de um sintagma verbal (SV), como nas expressões destacadas abaixo:

- (1) **Morro de vontade de ir**, mas sozinha não tenho coragem. (SEXO..., 2007)
- (2) *Quem deve fazer: iniciantes que querem entrar para o maravilhoso mundo da malhação e sedentárias que **morrem de preguiça de levantar do sofá***. (Revista Boa Forma citado, mas não referenciado)
- (3) *ai a professora perguntou pq eu estava chorando ai eu falei q eu tava **morrendo de cólica** [...] kkkk [...] era pura mentira* (Revista Capricho)
- (4) *Tenho um marido maravilhoso, raro. Ele **morre de rir** com minhas cenas e passa o texto comigo*. (Revista Contigo)

Essa construção do Português, cuja estrutura pode ser descrita por “X MORRER de Y”, é o objeto do estudo aqui apresentado. Segundo nossa hipótese analítica, tais *Construções*

*Superlativas* com o verbo *morrer* definem um domínio semântico de gradação de INTENSIDADE na extremidade da escala.

Nosso estudo assume a perspectiva da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, TURNER, 2002; SILVA, 1997; SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2001; CROFT, CRUSE, 2004), dada a riqueza de seus constructos no trato da significação e, mais especificamente, dos processos sociocognitivos de integração conceptual. Além disso, acompanhando uma forte tendência contemporânea nos estudos da linguagem, principalmente no âmbito do paradigma cognitivista, nossa proposta é descrever e analisar essa construção do Português, a partir do **uso efetivo** da língua, ou seja, a partir de manifestações linguísticas reais. Nesse sentido, constituímos um banco de dados com, aproximadamente, 650 ocorrências de uso metafórico do léxico da Morte, identificadas em treze revistas de circulação nacional, da Editora Abril.

Na próxima seção, explicitamos brevemente o caminho metodológico de constituição desse banco de dados e apresentamos sua configuração básica. Em seguida, caracterizamos os dois subtipos (com SN e com SV) da construção, definindo suas características gerais. Mais adiante, abordamos a dimensão semântica das Construções Superlativas e a dimensão de uso dessas construções. Finalmente, na última parte do artigo, reunimos as conclusões da pesquisa e tecemos algumas considerações finais sobre a origem metafórica dessa construção tão frequente e produtiva do Português do Brasil.

## 2 OS DADOS

A internet é, indubitavelmente, um recurso que diminui a distância entre o linguista e o dado linguístico. Além de disponibilizar conjuntos de *corpus* – de língua escrita e falada – organizados por sérios grupos de pesquisa do país inteiro, ela nos põe diante de outras ricas fontes de dados como *blogs*, versões *on-line* de jornais e revistas, documentos oficiais, salas de bate-papo, etc. Diante dessa profusão

de possibilidades de pesquisa, a rigorosa delimitação dessas fontes é fator imprescindível para o sucesso e, até mesmo, para a viabilidade de um estudo com caráter científico.

Conscientes dessa necessidade, a busca de dados foi limitada a revistas de circulação nacional e, para garantir a possibilidade de usar os instrumentos automáticos de busca existentes, optamos por revistas que apresentavam uma versão eletrônica. Esse recorte inicial levou-nos ao *site* da Editora Abril, que publica várias revistas de circulação nacional, todas com uma página disponível na internet. O próximo recorte foi feito com base no tipo de mecanismo de busca disponibilizado por cada revista. Consideramos adequados à nossa pesquisa os instrumentos de busca que apresentavam um resultado no qual o termo da busca aparecia em negrito dentro de um contexto lingüístico satisfatório, que nos permitisse verificar de imediato se a palavra havia sido usada no seu sentido básico ou se era um caso de projeção figurativa; os casos duvidosos foram desconsiderados.

Assim, concentramos nossas buscas nas páginas da internet das seguintes revistas da Editora Abril: Boa Forma, Bons Fluidos, *Capricho*, *Claudia*, *Contigo!*, *Elle*, *Exame*, Info, *Nova Escola*, *Nova*, *Quatro Rodas*, Vida Simples, Viva Mais!. Nessas treze revistas, encontramos 426 ocorrências de uso figurativo do verbo morrer, sendo 277 ocorrências da construção X MORRER de Y, assim distribuídas:

Quadro 1: Distribuição das ocorrências da construção X MORRER DE Y

Construção X MORRER DE Y	Nº de ocorrências (%)
MORRER DE + SN Morrer de fome/de raiva/de medo	254 (92%)
MORRER DE + SV Morrer de rir/de trabalhar	23 (8%)
TOTAL	277

Fonte: Pesquisa 2010

Por essa distribuição de dados, vemos que 65% das ocorrências de uso figurativo do verbo morrer são instanciações da construção X MORRER DE Y, e que Y é um SN em 92% delas e um SV em 8% das ocorrências. A seguir, apresentamos mais alguns exemplos das ocorrências encontradas.

(5) *Acho o cúmulo da folga e morro de raiva. Será que sou ruim demais ou o meu namorado é que é muito bonzinho? Já falei muitas outras vezes* (Revista Nova)

(6) *Eu entrei, me puseram uma modelinho na garupa, que morreu de medo. Dei algumas voltas e fiz as piruetas mais simples* (Revista Quatro Rodas)

(7) *vai dizer que nunca se lembrou do famoso saco vazio não pára em pé depois de morrer de dor de estômago por ter ficado horas sem comer?* (PETTA, 2011)

(8) *Giuliana permaneceu todo o tempo solícita e, embora muito provavelmente estivesse morrendo de ódio, não deixou transparecer o menor sinal de mau humor.* (Revista Você S/A)

(9) *Uma mentalidade mais tacanha teria me reprimido. Suzana, não. Morreu de rir. Melhor: ainda disse que eu tinha talento.* (Revista Nova Escola)

(10) *Morri de rir com o escritor e suas fantásticas hipóteses, mas preciso admitir: faço a mesma coisa que o rapaz da crônica nem sei quantas vezes.* (Revista Vida Simples)

### 3 A CONSTRUÇÃO X MORRER de Y

Qualquer proposta de análise da construção X MORRER de Y deve partir do reconhecimento de que essa é uma construção típica para expressão da causa da morte no PB, como ilustrado nos exemplos<sup>2</sup> abaixo:

<sup>2</sup> Nesse caso, utilizamos exemplos encontrados através do Google, já que nosso conjunto de dados não inclui instanciações que remetem ao *frame* básico de MORTE.

(11) O Tribunal Regional Eleitoral de Pernambuco identificou há pouco o eleitor que **morreu de parada cardíaca** no início da manhã, após digitar os votos [...] (WONGHON, 2006).

(12) *Modelo morre de anorexia aos 21 anos e com 40 kg*  
(MODELO..., 2006)

(13) *Meu cachorro morreu de cinomose, eu posso ter outro cachorro no mesmo local????*  
(DR. My PET [http://mypet.terra.com.br/DrMyPet\\_Especie1.asp?IdAssunto=68](http://mypet.terra.com.br/DrMyPet_Especie1.asp?IdAssunto=68))

Nesse tipo de construção, tanto o X – protagonista da morte – quanto o Y – causa da morte – são sintagmas nominais. O primeiro é um ser vivo e o segundo é uma condição (normalmente uma doença) ou evento capaz de provocar a morte de Y. Uma outra possibilidade da construção é ser o segundo SN uma sensação provocada por algumas condições específicas, como em (14) e (15).

(14) *Centenas de pessoas morrem de frio em Moscou. Mais de 250 moradores de rua já morreram em consequência de baixas temperaturas.*  
([www.msf.org.br/noticia/msfNoticiasMostrar.asp?id=80](http://www.msf.org.br/noticia/msfNoticiasMostrar.asp?id=80))

(15) *Cerca de 60 milhões de pessoas morrem de fome por ano. Todas essas vidas poderiam ser salvas, porque estas pessoas poderiam estar comendo os grãos usados*  
(MOTIVOS...)

Nesses casos, temos na expressão da causa da morte uma metonímia EFEITO PELA CAUSA, pois em (15), por exemplo, a sensação de fome provocada pela privação de nutrientes pode ser entendida como a metonímia FOME PELA FALTA DE NUTRIENTES, ou seja, EFEITO PELA CAUSA. Isso é também o que acontece em relação ao frio (FRIO PELA BAIXA TEMPERATURA), ao calor (CALOR PELA ALTA TEMPERATURA), à sede (SEDE PELA PRIVAÇÃO DE LÍQUIDOS) e à dor (DOR PELA EXCITAÇÃO DE TERMINAÇÕES NERVOSAS).

Entretanto, essas mesmas construções específicas em que o SN é uma sensação – que, nesse tipo de uso, remetem ao *frame*<sup>3</sup> básico de Morte, já que o sentido que emerge é “*fim da vida*” – podem ser usadas metaforicamente, no sentido de que a morte pode ser figurativa, como nos enunciados abaixo:

(16) *Ainda no período crítico, o soro se soltou da minha veia e passei a madrugada inteira sem receber medicação, tremendo, morrendo de frio. Só foram se dar conta pela manhã, quando notaram a cama ensopada. Minha família e os poucos amigos que restaram ajudaram* (Revista Nova)

(17) *Sem um bom café da manhã, a criança se empanturra na hora do recreio, porque está morrendo de fome, e no almoço está de estômago cheio e não quer comer. Ai se cria uma bola de neve: ela almoça mal, à tarde fica com* (Revista Vida Simples)

As ocorrências (16) e (17) constituem, pois, instanciações da construção metafórica mais frequente do conjunto de dados analisados: a construção X MORRER de Y, sendo Y um sintagma nominal. Abaixo, outros exemplos dessa construção.

(18) *Graças a Deus não vai ter mais que aturar as amigas falando de casamento o tempo todo. As garotas devem morrer de pena de você e do seu dedinho nu* (Revista Nova)

(19) *“Morro de saudade dos meus alunos, mas fico tranqüila porque sei que meu trabalho está sendo levado adiante”, revela Roberta* (Revista Nova Escola)

(20) *roupa de banho, sandália de borracha e toalha, não se esqueça de levar uma máquina fotográfica aquática, para não morrer de arrependimento quando vir aqueles peixes todos.* (Revista Elle)

<sup>3</sup> O conceito de *frame* que utilizamos remete, principalmente, ao trabalho de Fillmore (1968; 1982).

Como afirmamos anteriormente, o segundo elemento da construção também pode ser um verbo, como nas seguintes ocorrências:

(21) *E outros, como o Alexandre Borges e o Paulo Gorgulho, já me pararam e disseram que **morrem de rir** com as cenas do Cabeção e do MauMau. Pô, eles são dois atores de respeito! Mas eu entendo a resistência* (Revista Capricho)

(22) *Com certeza, se os Três Mosqueteiros e d'Artagnan fossem reais e estivessem vivos, estariam **morrendo de ganhar dinheiro** com palestras.* (Revista Você S/A)

Diante dos dados analisados, nossa hipótese analítica é de que essas duas construções – X morrer de Y, sendo Y um Nome e X morrer de Y, sendo Y um Verbo – integram uma rede de construções que estamos nomeando como **Construções Superlativas Causais**. Tais construções definem um domínio semântico de gradação de INTENSIDADE na extremidade da escala. Uma formalização básica dos dois submodelos dessa rede construcional, enfeixando os aspectos analíticos levantados por meio dessa pesquisa, pode ser proposta nos seguintes termos:

Quadro 2: Construção Superlativa Nominal

Construção Superlativa Nominal – CSN X MORRER DE Y			
Sem.	EF[protagonista] humano	efeito máximo	EF[causa]
Sint.	SN	V	SPrep [de SN]
Léx.	João	morrer	de medo

Quadro 3: Construção Superlativa Verbal

Construção Superlativa Verbal – CSV X MORRER DE Y			
Sem.	EF [protagonista] humano	efeito máximo	EF [causa]
Sint.	SN	AUX.	de SV
Léx.	João	morrer	de estudar

Fonte: Pesquisa 2010

Uma das ocorrências encontradas nas revistas pesquisadas nos chamou atenção pelo fato de apresentar três ocorrências da rede em um mesmo enunciado:

(23) *Passsei 70% da minha vida na Globo. Nos anos 70, havia uma brincadeira: “Você **morre de tédio** na TV Educativa, **morre de enfarte** na TV Tupi e **morre de trabalhar** na TV Globo”. Sou meio workaholic. Meio não, bastante* (Revista Contigo).

A brincadeira do falante em (23) sugere que, de fato, essas Construções fazem parte da mesma rede e estão relacionadas, por meio de um *link* metafórico (GOLDBERG, 1995), à Construção Causal prototípica não-metafórica para expressão da causa da morte no PB. Assim, entendemos que, nas duas construções (com nome ou com verbo), o domínio sobre o qual o intensificador opera é sempre a causa da morte figurativa – que pode ser uma causa física, emocional ou uma ação. De todo modo, a grande questão da construção é que o elemento [causa] do frame de morte é *intenso* a ponto de “levar à morte”. Nos dois usos metafóricos em (23), as construções utilizadas expressam uma gradação de intensidade

daquele domínio conceptual suscitado pela expressão nominal (*de tédio*) ou pela predicação verbal (*de trabalhar*).

Para procedermos adequadamente à análise dessas construções, consideraremos, na próxima subseção, a dimensão semântica das Construções Superlativas Causais.

### 3.1 A DIMENSÃO SEMÂNTICA DAS CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS CAUSAIS

Nesta seção, passamos a uma análise mais detalhada da dimensão semântica dessas construções metafóricas, tomando, primeiramente, a **Construção Superlativa Causal Nominal**, exemplificada nos enunciados abaixo.

- (24) *Muitas mulheres morrem de medo de arriscar essa cor na boca. Isso acontece por causa das imagens que temos em nossa memória dos tons ultramarcados* (Revista Elle)
- (25) *O nome da menina era Bárbara, e ela tinha a mesma idade que eu. O engraçado é que, depois do beijo, fiquei morrendo de vergonha de encontrá-la de novo.* (Revista Contigo)
- (26) *Mesmo que não consiga tirar o olho da aliança das suas amigas, já tenha visto o filme O Pai da Noiva uma centena de vezes e morra de inveja de quem dá chá de panela, talvez não tenha parado para pensar no real significado de casar.* (Revista Nova)
- (27) *A agitação em torno do Linux deixa muita gente morrendo de vontade de experimentar o sistema. Mas um frio percorre a espinha só de pensar em bagunçar o PC* (Revista Info)

Logo de início, a análise dessa Construção nos obriga a fazer referência à discussão sobre as bases metonímicas das metáforas (BARCELONA, 2003; RADDEN, 2003; KÖVECSES, 2002). Isso porque entendemos que, nessas construções, a metáfora nasce da generalização de uma metonímia EFEITO PELA CAUSA.

Assim, acreditamos ser esse um caso em que a metáfora conceptual tem uma base metonímica EFEITO PELA CAUSA, do tipo em que o domínio-alvo resulta no domínio-fonte (em seu estudo sobre metáforas, Kövecses apresenta ainda dois outros tipos de metáforas com essa base metonímica). Segundo Kövecses (2002), nesse tipo de metáforas, o domínio-fonte pode ser visto como um **resultado** do domínio-alvo; e o exemplo que ele discute nessa ocasião é exatamente o de uma metáfora da emoção: RAIVA É CALOR.

Acreditamos, portanto, que a Construção Superlativa Nominal se relaciona com uma ampla rede de conceptualização das emoções. Tal rede nasceria da junção da metonímia EFEITO PELA CAUSA, com a teoria popular sobre emoções e com a metáfora conceptual CAUSALIDADE É EMERGÊNCIA. Essa metáfora conceptual é analisada por Lakoff e Johnson (1980 [2002]), em um capítulo dedicado especificamente à causalidade. Segundo esses autores, o conceito de causalidade está fundamentado no protótipo da manipulação direta, que emerge diretamente da nossa experiência (por exemplo, acionar um interruptor e ver que a luz se acende). Lakoff e Johnson argumentam, então, que essa essência prototípica é desenvolvida por meio de metáforas, produzindo um conceito amplo de causalidade, com muitos casos especiais, dentre os quais os autores destacam CRIAÇÃO É NASCIMENTO e CAUSALIDADE É EMERGÊNCIA. Esta última adquire um papel especial em nossa análise, pois é definida pelos autores como o caso em que um estado mental ou emocional é visto como causador de um ato ou evento: “nesses casos, ESTADO (desespero, solidão, etc.) é visto como RECIPIENTE e o ato, ou evento, é visto como um objeto que emerge do RECIPIENTE. CAUSALIDADE é vista como EMERGÊNCIA desse EVENTO a partir de um ESTADO” (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002], p. 151).

Entre os exemplos apresentados por Lakoff e Johnson como instanciações da metáfora CAUSALIDADE É EMERGÊNCIA, estão:

(28) *His mother nearly went crazy from loneliness.*

(Sua mãe quase ficou louca de solidão.)

(29) *He dropped from exhaustion.*

(Ele caiu de exaustão.)

Esses exemplos do Inglês são equivalentes às seguintes instâncias do Português:

(30) *que minha tia me agrediu sem motivo e tive vontade de matá-la, fiquei cega de raiva, ainda bem que, o tempo mudou meu gênio, o tempo e a yoga [...] bjus!*  
(VOCÊ ..., 2010)

(31) *Eu que sai de um Palio e peguei um GLS 2000 nem reparei no retrovisor...quando eu vi que o carro tinha retrovisor elétrico eu pirei de alegria! [...]*  
(VOCÊS, 2010)

(32) *Foi um estímulo importante, mas que acabou por afectar o seu futuro: inchou de orgulho. Não suportava as críticas desfavoráveis, vivia num sobressalto*  
(<http://virtual.inesc.pt/~jaj/crestomatia/27.html>)

(33) *Aquela banda ou música que, se te pegarem cantarolando, te faz disfarçar dizendo que é uma versão punk nova ou simplesmente faz ficar vermelho de vergonha.*  
(<http://leandro.tipos.com.br/arquivo/2003/10/03/mural-da-vergonha>)

(34) *garanto pra você que quando receber uma intimação ou ver a polícia na porta dêle vai se mijar de medo e não vai ter coragem de molestar ninguém [...]*  
(<http://es.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070311194232AALxQ1c>)

De fato, acreditamos que a Construção Superlativa aqui analisada se relaciona a uma grande rede de metáforas da emoção. Nossa idéia geral é a de que o domínio-fonte MORTE surge exatamente da metáfora conceptual CAUSALIDADE É EMERGÊNCIA. Essa metáfora conceptual, com base metonímica EFEITO PELA CAUSA, é associada à teoria popular sobre emoção, segundo a qual as emoções resultam em certos efeitos físicos. Nessa mesma teoria temos que quanto mais intensa a emoção, mais evidente – ou mais extremo – será o efeito por ela provocado. Assim, os possíveis efeitos físicos de uma emoção (alteração da cor, elevação da temperatura, alteração do ritmo dos batimentos cardíacos, mudança na postura corporal, descontrole dos esfíncteres, etc.) podem ser conceptualmente colocados em uma escala. A ativação deste domínio de alterações fisiológicas permite que o topo da escala seja ocupado pela MORTE, já que ela seria o efeito máximo que uma emoção – ou qualquer desencadeador de alterações fisiológicas – pode ter sobre o corpo humano.

Assim, o que nossa análise permite acrescentar às considerações de Lakoff e Johnson (1980 [2002]) é a possibilidade de termos uma construção específica de expressão da causalidade (como instância da metáfora conceptual CAUSALIDADE É EMERGÊNCIA), na qual a intensidade de um estado mental ou emocional é medida em termos da gravidade do evento causado. Nesse sentido, **quanto mais intenso o estado mais extremo será o evento**. Essa relação metafórica geraria, então, toda uma rede de construções linguísticas em que um resultado aparente de uma alteração fisiológica provocada por um fenômeno psicológico serve como uma espécie de medida para a intensidade daquele determinado fenômeno. Com isso, é possível estabelecer a mesma origem para inúmeras metáforas da emoção, como as relacionadas na *Master Metaphor List* (<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/>): RAIVA É CALOR; RAIVA É CEGUEIRA; TRISTEZA É PARA BAIXO; AMOR É LOUCURA; DESEJO É CALOR, etc.

De todo modo, convém observar que, em geral, para cada emoção específica há um pequeno grupo de possíveis efeitos associados. Isso explica o fato de, numa busca simples no *google*, encontrarmos manifestações linguísticas do tipo "*ficar vermelho de raiva*", "*ficar vermelho de vergonha*" ou até mesmo "*ficar vermelho de alegria*"; mas não encontramos exemplos dessa expressão ("*ficar vermelho*") com outras emoções como tristeza, orgulho, pena ou saudade.

Entretanto, no caso das construções aqui analisadas, essa restrição parece não se aplicar tão fortemente, tendo em vista que o MORRER, na verdade, aparece como a representação de um resultado extremo de um fenômeno físico, que pode ser, pelo menos a princípio, metaforicamente associado a qualquer fenômeno psicológico. Especificamente no grupo de dados analisados ao longo da pesquisa, a lista dos fenômenos psicológicos assim graduados é relativamente abrangente e inclui: *amor, ansiedade, arrependimento, ciúmes, culpa, curiosidade, dó, dor, fome, frio, frustração, humilhação, inveja, medo, nojo, ódio, orgulho, paixão, pavor, pena, preguiça, pressa, raiva, remorso, saudade, sede, sono, susto, tédio, vergonha e vontade*; ou seja, encontramos 31 SNs diferentes nas instanciações dessa construção.

É interessante observar que a grande maioria dos fenômenos psicológicos que compõe essa lista é um exemplo daquelas que normalmente são consideradas emoções negativas. Nesse sentido, vale recordar que na manifestação não metafórica daquela construção que expressa a real causa de uma morte (*morrer de câncer, morrer de dengue*) o SN é geralmente uma doença ou uma circunstância marcadamente negativa (*morrer de bala perdida*), já que ocasiona a morte de um ser vivo. Assim, é possível afirmar que, de modo geral, o elemento [causa] do *frame* (metafórico ou não) de MORTE tem, normalmente, um valor diferencial. O projeto do FrameNet, inclusive, usa o conceito de **tipo semântico** (FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003, p. 245) para capturar essa espécie de traço semântico dos *frames*, dos elementos de *frame* (EF) ou das unidades lexicais (UL). Nesse caso, podemos atribuir ao EF [causa] do *frame* de MORTE um valor negativo.

Vale considerar ainda um aspecto dessa Construção Nominal em relação ao traço semântico do Protagonista. Conforme já observamos, a Construção Superlativa Causal Nominal tem como Protagonista, via de regra, um **ser humano**. Entretanto, encontramos em nosso banco de dados alguns pouquíssimos casos em que essa posição é ocupada por um Protagonista Entidade:

(35) *Inocente ou culpado, o banco já sente as reações do mercado, impiedoso num momento como este. Afinal, o capital morre de medo de escândalos.* (Revista Exame)

(36) *chantagistas verdes", como foram batizados por seus críticos), muitas multinacionais acabam cedendo a seus apelos. "As empresas morrem de medo de sofrer boicotes", diz Edouard Bustin, professor de ciência política da Universidade [...]* (Revista Exame)

(37) *No começo de 1994, revela o autor, a Microsoft morria de medo de que uma conexão com a rede comprometesse a segurança dos computadores localizados* (Revista Info).

(38) *E tapam os ouvidos quando alguém ousa bater na porta com mais força. "As empresas morrem de vergonha quando fica claro que elas negligenciam e até desmotivam os seus talentos", diz Alexandre Basile.* (Revista Você S/A)

Esses quatro exemplos são os únicos dos dados analisados em que o Protagonista dessa construção é uma Entidade e não um Ser. O que percebemos, nesses casos, é que isso ocorre por conta de uma metonímia que, nos exemplos encontrados, são do tipo COISA POSSUÍDA PELO POSSUÍDOR (50) ou do tipo INSTITUIÇÃO PELOS SEUS RESPONSÁVEIS (51), (52) e (53). Essas quatro ocorrências não impedem, contudo, que a Construção Superlativa Nominal, seja caracterizada como uma construção predominantemente de Protagonista SER. Até porque é possível identificar em cada uma delas uma metonímia que, genericamente, podemos chamar de ENTIDADE PELO SER QUE A POSSUI OU CONTROLA.

Em relação à **Construção Superlativa Verbal**, entendemos que essa construção, integrando uma rede de Construções Superlativas no PB, também é manifestação de uma metáfora com base metonímica. A diferença desta em relação à Construção Nominal, que vimos analisando nesta seção reside no fato de que, neste caso, o EF [causa] da morte figurativa é uma ação.

Assim, o que é *medido* através de uma rede metafórica escalar é a **intensidade da ação**, e não mais a intensidade de um estado mental ou emocional. Também nesse caso, a metáfora se originaria de uma generalização da metonímia EFEITO PELA CAUSA, em que o domínio-fonte pode ser visto como um resultado do domínio-alvo.

(39) “O cara não entendeu nada e me olhou como se eu fosse uma feiticeira”, disse ela, **morrendo de rir**. Tive uma experiência parecida; pelo menos, o sujeito ficou tão surpreso quanto. (Revista Nova)

(40) Com certeza, se os Três Mosqueteiros e d’Artagnan fossem reais e estivessem vivos, estariam **morrendo de ganhar dinheiro** com palestras. E a razão é simples. Falta às empresas a principal competência dos quatro: (Revista Você S/A)

(41) Mas está ficando para trás o tempo em que os homens literalmente **morriam de trabalhar**, sem dar atenção a outras formas de se realizar. A emancipação financeira da mulher aliviou a pressão sobre ele, antes (Revista Vida Simples)

Do total de ocorrências dessa construção, foram duas ocorrências com **morrer de trabalhar**, uma com **morrer de ganhar dinheiro**, e vinte com **morrer de rir**. Assim, ao contrário do que acontece nas construções nominais – em que pudemos identificar em nossos dados uma grande variedade de tipos de EFs [causa] –, nas construções verbais encontramos apenas três tipos de EFs [causa]: *rir*, *trabalhar*, e *ganhar dinheiro*.

A pequena quantidade de ocorrências que analisamos desse tipo de instanciação da construção nos impede de oferecer, neste momento, uma proposta de análise mais precisa da mesma. Entretanto, podemos afirmar que, se no primeiro caso a MORTE é a representação de um resultado extremo de alterações fisiológicas provocadas por um estado psicológico, nessas construções a causa dessas alterações não é mais um estado mental ou emocional, mas a intensidade de uma ação. Um indicativo disso é o fato de que a paráfrase natural para *morri de trabalhar* ou *morri de estudar* faz uso de um advérbio de intensidade – *trabalhei muito* ou *estudei muito*, respectivamente.

Com isso queremos dizer que, assim como outros efeitos físicos aparentes (como alteração da cor, da temperatura ou da postura corporal) podem servir como medida para a intensidade de um fenômeno psicológico, a medida da intensidade de uma ação também pode ser dada por efeitos físicos diversos.

Na próxima seção, apresentamos algumas considerações a respeito da dimensão do uso das Construções Superlativas Nominais e Verbais, em termos de padrões de convencionalização e produtividade propostos pelo Modelo de Uso (BYBEE, 1985, 1995 apud CROFT; CRUSE, 2004).

### 3.2 A DIMENSÃO DO USO DAS CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS

A análise desenvolvida no presente artigo vem buscando se alinhar à – e contribuir com – uma tendência contemporânea da Linguística Cognitiva, qual seja a de adoção de uma Metodologia de Linguística de *Corpus*. Nesse enquadre metodológico, o Modelo Baseado no Uso (BYBEE, 1985, 1995 apud CROFT; CRUSE, 2004) significa uma contribuição altamente relevante à interpretação analítica, uma vez que tem a virtude de equacionar propriedades de uso efetivo com a constituição e armazenamento de construções linguísticas na mente do falante. Nesse sentido, tal modelo se

distancia radicalmente da tradição gerativista e impõe um avanço substancial ao paradigma cognitivista, em termos do papel do uso na constituição do léxico e da gramática.

Nesses termos, o modelo propõe duas propriedades fundamentadas do uso: **frequência de ocorrência** e **frequência de tipo**. Em relação à frequência de ocorrência, a hipótese é que, cada vez que uma construção é usada, ela ativa um vínculo ou padrões de vínculos na mente. Tal frequência de ativação afeta o armazenamento daquela informação, fazendo com que esta seja armazenada como uma unidade gramatical convencionalizada. Nesse modelo, portanto, a frequência de ocorrência é correlacionada à convencionalização da Construção. Assim, quanto maior o número de ocorrências, maior o grau de convencionalização.

Já a **frequência de tipo** diz respeito ao número de diferentes formas linguísticas que são consideradas instanciações de uma Construção particular. Nesse sentido, a frequência de tipo está correlacionada, nesse modelo, à **produtividade** da Construção. Isso equivale a dizer que quanto maior for o número de tipos (formas linguísticas), maior a produtividade da Construção.

Em relação às Construções Superlativas, retomemos alguns números relacionados à ocorrência dessas construções em nosso banco de dados:

Quadro 2: Frequência de Ocorrência e de Tipo das Construções Superlativas

CONSTRUÇÃO	FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA	FREQUÊNCIA DE TIPO
Construção Superlativa Nominal (CSN)	254 ocorrências (82%)	31 ocorrências
Construção Superlativa Verbal (CSV)	23 ocorrências (8%)	3 ocorrências

Fonte: Pesquisa, 2010

Interpretando os números do quadro (2), à luz das hipóteses do Modelo Baseado no Uso, podemos concluir que, em relação à Construção Superlativa Verbal, a Construção Superlativa Nominal é a mais convencionalizada e a mais produtiva, considerados os limites do conjunto de dados que analisamos.

De fato, em comparação com a construção nominal, a Construção Superlativa Verbal é pouco frequente em nossos dados (ver Quadro 1). Em princípio, creditamos essa baixa frequência ao fato de que os temas principais das revistas em que essa construção foi mais frequente são muito mais relacionados à emoção do que à ação. De modo geral, nos textos dessas revistas aparece uma grande quantidade de depoimentos (território ideal para o uso dessa construção, já que ela tem um caráter informal e, de modo geral, parece ser bem mais recorrente na fala do que na escrita), mas esses depoimentos, na sua maioria, tratam de questões emocionais e, em muitos casos, envolvem diretamente a descrição de um estado psicológico. Por isso, teríamos a predominância da construção com a expressão nominal.

Contudo, esse aspecto justificaria apenas a baixa frequência de ocorrência, mas não necessariamente a baixa frequência de tipo. Diante desse quadro, resolvemos realizar uma rápida testagem no *Google*. Essa pequena pesquisa confirmou a baixa frequência de tipo da Construção Superlativa Verbal, já que, além dos verbos que apareceram nos nossos dados, encontramos apenas outros cinco verbos como EF [causa] do *frame* de MORTE: *morrer de chorar*, *morrer de estudar*, *morrer de procurar*, *morrer de dançar*, *morrer de tentar*.

Essa baixa frequência de tipo da construção verbal ficou ainda mais consolidada, quando, novamente através de uma rápida testagem no *Google*, encontramos para a construção nominal mais vinte e quatro EFs [causa] – como, admiração, emoção, aflição, decepção, desespero, desgosto, humilhação, nervoso, preocupação, solidão, etc. –, além dos trinta e um tipos já identificados em nossos dados. Isso confirma que a Construção Superlativa Verbal é bem menos produtiva que a Nominal.

Porém, dentre as Construções Superlativas Verbais, a frequência de uma instanciação específica – *morrer de rir* – nos chamou a atenção. Essa instanciação correspondeu a mais de 90% das ocorrências de construção verbal em nossos dados e, na pesquisa no *Google* em busca de outras possibilidades da construção, notamos que, de fato, essa instanciação é muito frequente. Na verdade, esta é uma construção cristalizada, que, inclusive, é registrada pelo dicionário como uma locução, significando “rir sem parar, rir muito e continuamente” (HOUAISS, 2002). Assim, apesar de a Construção Superlativa Verbal ter se revelado, no âmbito dessa pesquisa, pouco produtiva e pouco convencionalizada, encontramos, entre as suas instanciações, uma construção específica que nos pareceu convencionalizada e produtiva. De fato, uma nova busca no *google* com a expressão “*de rir*” retornou um enorme número de ocorrências e, até onde registramos, mais de vinte e cinco tipos de verbos, além de *morrer*.

(42) *As situações estapafúrdias que Deus e o Diabo vivem no decorrer das cenas são de chorar de rir. O dilema entre o Bem e o Mal passa ao largo do texto* (www.rabisco.com.br/80/vixe.htm)

(43) *Assunto: AHAHAHA VEJAM ISSO!!! ME ESCANGALHEI DE RIR!* (DISIL, 2003)

(44) *comédia que faz rolar de rir, mas não é mais do que um programa de duas horas. Foi uma tremenda satisfação chegar ao cinema para uma sessão às dez da [...]* (CUNHA, 2003)

(45) *A ‘terça parte’ dos anjos que observava tudo de um local privilegiado, caiu de rir. O homem, que após seu ato de desobediência estava sujeito à morte,* (http://ladraodeminutos.zip.net/)

(46) *vez que passa a propaganda de um remédio é a senha preu me acabar de rir. O nome é... algo parecido com Superist, ou Super-Hist, um remédio pra gripe.* [...] (www.hikawa.com.br/2004/06/rir)

(47) *Quando ouvi vocês gravando já estava morrendo de rir com as histórias do Sr.K. ... Cara, esse foi de esborrachar de rir!* (http://jovemnerd.ig.com.br/wordpress/wp-commentsrss2.php?p=616)

Verificamos, portanto, que nessa construção temos outras matrizes conceptuais na escala de intensidade, uma vez que *morrer de rir* continua sendo o topo da escala, mas é possível identificar uma rede de tipos de verbos que vão construindo a escala de efeitos do rir.

De fato, entendemos que nossa pesquisa nos colocou diante de uma complexa rede de Construções e que os dados que analisamos não nos permitem – e, de fato, em nenhum momento foi nossa pretensão – fazer generalizações, acerca da dimensão do uso das Construções Superlativas, que ultrapassem os limites do conjunto de dados analisados. Entretanto, acreditamos que a aplicação do instrumental teórico do Modelo Baseado no Uso a dados linguísticos reais mostra como é importante que os estudos cognitivistas invistam nessa direção. Afinal, nos parece razoável supor que a incorporação da dimensão do uso permitirá atingir um nível de interpretação analítica imprescindível para uma abordagem de linguagem que, em seu arcabouço teórico, tanto valoriza a questão do uso efetivo da língua, como a Linguística Cognitiva.

#### 4 CONCLUSÃO

Dentre os principais ganhos analíticos deste estudo devemos destacar, inicialmente, a verificação de que, apesar de ser um tema que sofre certo veto cultural, nosso domínio de conhecimento sobre a Morte atua como domínio-fonte de muitas metáforas conceptuais, que, por sua vez, se manifestam no uso cotidiano do Português do Brasil. Além disso, o trabalho desenvolvido permitiu o estabelecimento de uma tipologia para um conjunto de construções muito frequentes no PB, com estrutura X MORRER DE Y. Nossa análise concluiu que essa construção, a que rotulamos

Construção Superlativa Causal, define um domínio semântico de gradação de intensidade na extremidade da escala, apresentando dois submodelos: a Construção Superlativa Causal Nominal e a Construção Superlativa Causal Verbal.

Um outro ganho analítico desse estudo foi a constatação de que as Construções Superlativas Causais estão inseridas em uma ampla rede de conceptualização das emoções, que tem como uma de suas instanciações uma construção específica (*ficar cego de ódio, tremer de medo, ficar azul de fome*, etc.), em que a medida de intensidade de uma emoção é dada pelo efeito que ela provoca no organismo humano, sendo as Construções aqui analisadas o ponto máximo dessa gradação escalar (*morrer de ódio, morrer de medo, morrer de fome*).

Em relação aos ganhos teórico-metodológicos de nossa pesquisa, convém ressaltar a reafirmação da riqueza e da adequação dos constructos teóricos da Linguística Cognitiva no tratamento da significação e, mais especificamente, dos processos de integração conceptual. Outro ponto relevante diz respeito à afirmação da Linguística de *Corpus* como uma metodologia fundamental ao avanço dos estudos na linha cognitivista, dado que um dos pressupostos teóricos básicos dessa abordagem é o de que o conhecimento sobre a linguagem deve emergir do uso linguístico.

Além disso, pudemos constatar que, no estudo da Metáfora, principalmente na realização de trabalhos que envolvem a Linguística de *Corpus*, o trabalho com domínios-fonte de metáforas apresenta-se como uma rica opção de análise dos processos de integração conceptual, capaz de colocar-nos diante de grandes desafios analíticos e instigantes trilhas de investigação de fenômenos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

BARCELONA, A. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: \_\_\_\_\_. *Metaphor and Metonymy at the Crossroad*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003, p.31-58.

SAMPAIO, T. F.; MIRANDA, N. S.

CONCEPTUAL Metaphor Home Page. by George, University of California, Berkeley. copyright (c) 1994. Disponível em: <<http://cogsci.berkeley.edu/lakoff/>>. Acesso em: 21 maio 2009.

CROFT, W.; CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Rodrigo. Os normais: uma comédia que faz rolar de rir ... crítica. Disponível em: <[www.cineplayers.com/critica.php?id=284](http://www.cineplayers.com/critica.php?id=284)>. Acesso em: 13 de jun. 2011.

DIESEL, Vin. AhLista de discurso. Disponível em: <<http://www.fisculturismo.com.br/forum2/viewtopic.php?f=6&t=26408&start=0#p154158>>. Acesso em: 27 fev. 2009.

DR MY PET. Disponível em: [http://mypet.terra.com.br/DrMyPet\\_Especie1.asp?IdAssunto=68](http://mypet.terra.com.br/DrMyPet_Especie1.asp?IdAssunto=68)> Acesso em: 30 maio de 2010.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE C.; JOHNSON C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FILLMORE, C. J. Frame semantics: In: The Linguistic society of Korea (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, C. J. The case for case. In *Universals in linguistic theory*, ed. by Emmon Bach & Robert T. Harms. New York: Holt, Rinehart & Winston. 1-88, 1968.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. (Ed.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KÖVECSSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

- LAKOFF, G.; JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 1980 [2002].
- MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. *Revista Veredas*. EDUFJF. Juiz de Fora, v.5, n.1, 2001. 57-81.
- MODELO morre de anorexia aos 21 anos. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1248775-EI306,00.html>. Acesso em: 29 de abr. 2010.
- MOTIVOS para ser vegetariano. Disponível em: [www.vegetarianismo.com.br/artigos/21motivos.html](http://www.vegetarianismo.com.br/artigos/21motivos.html). Acesso em: 21 abr. 2010.
- PETTA, Eduardo. Eu sou você amanhã. *Revista vida simples*, v. 0109, set. 2011. Seção Filosofia.
- RADDEN, G. How metonymic are metaphors?. In: BARCELONA, A. (Ed.) *Metaphor and metonymy at the Crossroads*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 93-108.
- SALOMÃO, M. M. M. *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*: projeto integrado de pesquisa. [S.l.]: FJF/UERJ/UFRJ, 1999.
- SAMPAIO, T. F. *O uso metafórico do léxico da morte*. Juiz de Fora, 2007. Xx f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.
- SEXO com pimenta no casamento. *Revista Cláudia*, Amor e sexo, 19 nov. 2007. Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materia/sexo-com-pimenta-no-casamento-2007/?p=/amor-e-sexo/relacionamentos>. Acesso em: 24 de jun. 2010.
- SILVA, A. S. da. A Lingüística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. *Revista Portuguesa de Humanidades I*, Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P., 1997, p. 59-101.
- VOCÊ já se imaginou matando alguém. Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070520103458AAtOUYd>. Acesso em: 05 de jan. 2010.
- VOCÊS sabiam sobre o retrovisor do Vectra B [on line]. Disponível em: <http://www.vectraclub.com.br/forum/viewtopic.php?t=11587&view=next&sid=dc1a9cc21239633c65eea1>. Acesso em: 19 abr. 2010.

- WONGHON, Marcia. Identificado o eleitor que morreu de parada cardíaca em Recife. *Agência Brasil- Empresa Brasil de Comunicação*, 29 out. 2006. Disponível em: [www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/10/29/materia.2006-10-29.0579328085/view](http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2006/10/29/materia.2006-10-29.0579328085/view). Acesso em: 15 jan. 2010.